

“O MEDO DE CRESCER” E A “VONTADE DE SER MAIS”

CL. Ac. Aimone Camardella

Apesar do progresso científico e tecnológico do mundo moderno, parece que a Cultura contemporânea está passando por uma “fase de crescente infantilização”, conforme assim interpretada pelo sociólogo inglês Frank Furedi. O que se observa é que “o desejo compreensível de não ter aparência de velho (a) cedeu espaço à busca consciente da imaturidade”, ainda na opinião desse sociólogo. De fato, os adultos – jovens, de mais ou menos de 18 a 30 anos, incluindo especificamente os adolescentes (com menos de 18 anos), vêm-se comportando de maneira bem diferente dessas faixas etárias em outras épocas.

O conceito de “independência” vem cada vez mais se arraigando nos espíritos dos jovens (“pouco adultos ou mais adultos”), considerando que o solteiro ou a solteira, mesmo em sua idade já considerada maior, não querem admitir a “maioridade”, em grande parte por vaidade. Mas, talvez não seja esta a única razão. A divulgação, por exemplo, de programas exageradamente eróticos, na imprensa falada, escrita e cinematográfica, com a participação, inclusive, de jovens adultos ou não, tem servido de estímulo para o desencadeamento de uma liberdade demasiada da atual sociedade, considerada, pelas entidades religiosas, sociológicas, psicológicas e educacionais, como perigosas para a moral e a preservação da família.

Nessas faixas, morar sozinho vem-se tornando uma forma, principalmente para os adultos jovens entre 20 e 30 anos, de se tornarem independentes da família, o que acontece comumente, e com mais facilidade, nos grandes centros urbanos ocidentais. Em Paris, e em Munique, por exemplo, esse número para de 50% de todos os lares.

E aí surge o inexorável problema da sobrevivência. Ao sair de seus lares, nem sempre as mesadas são mantidas, e, até mesmo, os relacionamentos às vezes com os pais são rompidos, quer seja por questão moral, ou financeira. A vida “independente” leva à procura de novos relacionamentos, cuja instabilidade pode afetar a identidade adulta, e, conseqüentemente, levá-la na direção de caminhos incoerentes e prejudiciais ao seu modo de viver.

A imaturidade, associada à dificuldade de trabalho ou educação, pode reverter em sérios riscos, às vezes irreversíveis.

O prolongamento da adolescência, ou modo de crescer, sem os devidos cuidados com a patologia da condição adulta, e conseqüente imaturidade, pode levar o jovem adulto, ainda instabilizado no seu “modus vivendi”, mas que quer ser independente a uma situação de isolamento, sem o devido apoio da família, como seria o normal.

Outro aspecto, não menos importante, é o da criança, mais ou menos de cinco a doze anos, que já quer ser maior, visando todos aqueles falsos “exemplos” e “vantagens” apregoados, a cada minuto, por uma Mídia contundente, e cheia de insinuações, nesta fase contemporânea da vida. E aí devemos concordar com o sociólogo Frank Furedi que “a cultura contemporânea está passando por uma fase de crescente infantilização”. De fato, o que se está observando atualmente é uma crescente “cultura internética”, associada a uma permanente injeção de conselhos imorais e amorais a uma juventude, que quer ser, e rapidamente vai-se tornando “falsamente independente”.

Neste transe de indecisões, e de influências externas, a cultura vai sendo sacrificada, com reflexos na educação e na instrução, elementos fundamentais para o desenvolvimento cultural de um país. O uso do livro didático, e das publicações complementares, com a leitura sistemática, adequada à faixa etária e às exigências do aprendizado, deixaram de ser

utilizados, ou por errônea conveniência, ou por questões econômicas, deixando-se “prender”, porém, a juventude, horas a fio, às telas do computador, para fins de divertimento na grande quantidade de jogos sem nenhum valor cultural. Há, ainda aqueles que ao fazerem, simplesmente, a chamada “pesquisa” de um assunto, na internet, para fins didáticos, já se sintam suficientemente “culturados”, o que está-se tornando corriqueiro nas escolas, cujos professores não querem, ou não podem, ter muito trabalho, crescendo assim a “infantilização” da cultura.

No dizer do ilustre Desembargador Libórni Siqueira, a vida deve ser preservada desde a sua concepção natal, sob pena dela ser distorcida das suas virtudes biológicas, sociais e espirituais.

Sem dúvida, a Família é o FORUM adequado, importante, jurídico, econômico, educacional e espiritual para a formação de um Ser, que está sempre a necessitar, cada vez mais, de apoio de seu meio ambiente próprio.

E, com sua proverbial cultura, e conhecimento dos meandros da “infantilização”, o Dr. Libórni Siqueira expõe esses aspectos através do seu belo Livro: “DIÁLOGO DA FAMÍLIA”.

(Presidente da ALAC)